



O PLANEJAMENTO QUE NASCE A PARTIR DA ESCUTA SENSÍVEL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Deyse Alves Rocha¹

E-mail: deisealvez12@gmail.com

Lucas Lopes Silva

Jany Rodrigues Prado²

Djanira Ribeiro Santana³

RESUMO: O estágio enquanto pesquisa aproxima os discentes de Pedagogia da atividade docente, à medida em que possibilita a práxis, uma vez que a ação do(a) professor(a) se constitui numa complexa prática social. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo relatar vivências da disciplina Estágio e Pesquisa em Educação Infantil durante 6º semestre do curso, o qual teve como campo uma turma do 5º período de uma escola Proinfância do município de Guanambi-BA. Tem-se como objetivos discorrer sobre a importância da escuta sensível às narrativas das crianças para um planejamento que parte dos interesses dos pequenos. Quanto à metodologia, foi usada a documentação pedagógica produzida durante o período de observação participante, realizou-se anotações, fotos, áudios e vídeos, instrumentos que auxiliaram no registro dos dados apresentados. A partir das discussões feitas mostrou-se necessário uma continuidade das propostas criadas após o período de estágio, além de um tempo maior dos estagiários dentro da escola campo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Escuta sensível. Estágio.

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Quando tratamos sobre a educação infantil, a primeira reflexão que fazemos é a de que este segmento se constitui como primeira etapa da educação básica, é direito social da criança garantido pelo Estado e é responsável pela educação formal das crianças de 0 a 5 anos, tendo como elementos norteadores o brincar, o cuidar e o educar.

No decorrer deste artigo, vamos abordar a experiência do estágio na Educação Infantil durante o 6º semestre do curso de Pedagogia. O campo da experiência foi em uma das escolas onde ocorre o Programa Nacional de Reestruturação e Aparentagem da Rede Escolar Pública

¹ Discentes do 6º semestre do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB CAMPUS XII deisealvez12@gmail.com lucaslopes080920001@gmail.com

² Docente Orientadora, Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2018), professora substituta na Universidade Estadual da Bahia- UNEB CAMPUS XII janyrprado@yahoo.com.br

³ Docente Orientadora, Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2016), professora substituta na Universidade Estadual da Bahia- UNEB CAMPUS XI djanirauneb2014@gmail.com



de Educação Infantil, o Proinfância, do município de Guanambi-Bahia nos meses de outubro e novembro do ano de 2022. A turma das vivências do estágio foi a do 5º período vespertino, a qual tinha 16 crianças matriculadas com a idade entre 5 e 6 anos.

Neste texto, tomaremos a escuta sensível como ponto de partida norteador das linguagens dos pequenos e consideraremos sua importância como intrínseca na constituição de um planejamento que tenha a criança e seus interesses como centralidade no próprio processo educativo. O plano de ação construído a partir da escuta sensível teve como base a elaboração de contextos de experiências.

Durante a observação e execução do plano de ação, alguns questionamentos foram levantados: (1) Como os contextos criados a partir da escuta sensível possibilitam novas experiências? (2) quais as narrativas criadas pelas crianças nos contextos? (3) em que medida foi perceptível a relevância da continuidade dos contextos desenvolvidos pelos estagiários?

Dentro da perspectiva de não escolarizar a Educação Infantil, cuja intencionalidade deve girar em torno do desenvolvimento integral das crianças, é importante ressaltar que não se trata aqui de “alunos”. O espaço fechado com cadeiras e lousa não é “sala de aula”, como numa perspectiva tradicional, mas sim “sala referência”, uma vez que as demais repartições no domínio da instituição como um todo (pátio, cantina, solário etc.) também se constituem em locais de construção de saberes e desenvolvimento de potencialidades das crianças.

Para além disso, sempre iremos nos referir aqui às pessoas que trabalham na escola (professoras, merendeiras, monitoras, diretora etc.) no gênero feminino, posto que quase todos os encargos são ocupados por mulheres, salvo a designação da portaria, que está a cargo de um homem. Devemos ressaltar também que ao descrever os diálogos com as crianças, por questões éticas, vamos usar pseudônimos para ao se referir a elas e serão usadas fotos com os pequenos de costas ou com o rosto borrado.

1.1 Caminhos da pesquisa

O universo da pesquisa é o município do Sertão Produtivo do Velho Chico, Guanambi, cidade localizada no Estado da Bahia, situada no Nordeste do país, com uma população estimada de 84.928 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2020. O espaço de investigação da pesquisa foi uma escola ProInfância.

O estágio como pesquisa se deu a partir de uma pesquisa de campo, no qual os

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância

16 a 19 de agosto

estagiários foram observadores participantes, ou seja, não apenas observamos a dinâmica nos espaços, mas também interagimos com as crianças, com a professora e com a monitora enquanto participamos e auxiliamos nas dinâmicas no decorrer da semana de observação.

Neste sentido, Madalena Freire aponta a importância do educador como “organizador”, nesse caso, nós, estagiários, como futuros educadores e organizadores do plano de ação na perspectiva da observação de quem coleta dados e “trabalha em cima deles com total respeito” às particularidades da criança (FREIRE, 1983, p. 21).

Madalena Freire aponta que “a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira.” (FREIRE, 1996, p. 02). Para isso, é essencial uma observação que envolva atenção e presença tendo em mente a construção de um olhar ativo no processo de construção do conhecimento, sobretudo no que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental. (FREIRE, 1996).

Desse modo, lançamos mão das anotações em um diário de campo sobre o espaço, as materialidades, as atividades, as relações entre crianças-adultos/crianças-crianças, a interação com o ambiente e com os recursos naturais disponíveis. Também realizamos a gravação de áudios, no intuito de registrar os pontos que se destacavam na observação tendo sempre em vista os interesses dos pequenos.

Para além disso, foram consideradas as narrativas provenientes do conhecimento de mundo elencadas pelos pequenos no decorrer da semana sob o formato de mini histórias.

Esse material, portanto, faz parte da análise documental, que, para Loris Malaguzzi (*apud* RINALDI, 2020, p. 129), “é vista como a escuta visível, como a construção de traços (por meio de notas, slides, vídeos e assim por diante) que, além de testemunhar os processos e trajetórias de aprendizado das crianças, também os tornam possíveis por serem visíveis.”

Assim sendo, esses instrumentos de pesquisa foram os que mais se aproximaram para desenvolver os objetivos do nosso estágio e do tema central de pesquisa. Os autores que irão sustentar nosso artigo são Loris Malaguzzi, Madalena Freire, Paulo Freire e Francesco Tonucci, teóricos que abordam, em suas obras, sobre a escuta dos educandos acerca de sua aprendizagem e autonomia, envolvidos pelas particularidades, além de apontarem sobre a importância da sensibilidade na educação, implícita ou explicitamente.

2 O ESCUTAR PARA PLANEJAR

As interações e a brincadeira, como eixo do currículo da Educação Infantil (BNCC, 2017), nos proporcionaram, enquanto estagiários, momentos e experiências riquíssimos com as crianças. Buscamos sempre estar próximos delas enquanto brincavam e, assim, identificar seus interesses e particularidades a partir da escuta sensível.

Logo no primeiro dia de estágio, uma segunda-feira, a temática envolvendo a Lua começa a se fazer presente. Um dos meninos brinca no balanço juntamente com outros e pede ao estagiário para que empurre o brinquedo para ele. Num dado momento, a criança diz:

- Se empurrar o balanço muito forte vai para a Lua! - Disse um menino de 6 anos.

Diante disso, o estagiário lhe pergunta:

- Como se chega até a Lua?

A menina no balanço ao lado, então, diz:

- É pelo foguete!

Em outro dia, ao acompanhar estas crianças no mesmo brinquedo, o estagiário repete a pergunta, à qual, desta vez, eles respondem:

- É pelo balanço!

- Vocês querem ir para a Lua?

- Não, porque vou sentir saudade da minha mãe! – Responde o primeiro menino. (CRIANÇA, 6 anos)

Dada, portanto, a presença da Lua nas conversações das crianças, a criação dos contextos partiu da Lua e rumo a ela, objetivando-se a identificação dos conhecimentos que as crianças já tinham sobre o satélite e a possível ampliação desse arcabouço no que se refere ao âmbito lunar e espacial de uma maneira dinâmica e participativa. Nessa direção, Paulo Freire destaca:

É evidente que a lua já existia há muito tempo, mas a descoberta, feita pela criança, da lua, por exemplo, é uma descoberta que, para ela, tem um sentido inédito na sua história. Aí ela vive com uma alegria incrível as descobertas. E é essa alegria, inclusive, que de certa maneira reforça sua curiosidade de conhecer mais. (FREIRE, 2020, p. 109).

Quando o contexto é planejado e organizado são abertas possibilidades para novos diálogos entre as crianças e entre elas e o adulto. Foi o que aconteceu no estágio. À medida em que montamos contextos que prezassem pela participação e livre discussão, foi possível instigar a curiosidade coletiva dos meninos e meninas sobre o céu, as estrelas e, principalmente, a Lua. Nesse sentido, Paulo Freire (2020) discorre que:

O convite à assunção da curiosidade na busca da leitura do real, do concreto, deve ser um convite não apenas para o menininho A, ao menininho B, mas ao grupo de estudantes, de crianças. E que, inclusive, aprendam também a crescer na curiosidade entre eles, e não apenas a desenvolver cada um a sua curiosidade. No fundo, o conhecimento é social também, e não só individual, apesar da dimensão individual que há nessa curiosidade (FREIRE, 2020, p. 72).

Logo, para possibilitar uma participação coletiva, a curiosidade despertada em uma criança proporciona a ampliação do conhecimento não somente dela, mas de todas as demais. Há, conseqüentemente, um processo que passa do abstrato ao concreto, em outras palavras, das hipóteses dos pequenos a partir de suas imaginações para o mundo real, ampliando-se o seu repertório. Diante disso, na medida em que seus interesses são captados pelo educador através da escuta, a criança torna-se a centralidade do processo de aprendizagem.

Anotar as conversas que surgem nesse processo é muito importante e é necessário abrir-se mais uma vez ao sensível para poder perceber as minis histórias que vão se criando a partir das experiências. Crianças têm suposições surpreendentes sobre o universo que a cerca e ouvi-las é um processo importante para que possamos criar, como futuros educadores, dinâmicas que ampliem as hipóteses que surgem dos diálogos da interação dos pequenos uns com os outros e/ou a interação com a professora.

É interessante ressaltar que, no estágio, foi possível perceber que as crianças estavam aprendendo, mais e mais sobre a lua, além de criarem teorias. A narrativa a seguir surgiu do diálogo de um dos estagiários com duas crianças enquanto acontecia o “Cinturão literário⁴”.

*-A lua mexe? -Perguntei enquanto as crianças interagem com o contexto.
-Fica, fica mexendo, fica andando... ela fica seguindo nós...- disse uma criança
-Por que você acha que acha que a lua segue você?- Indaguei
-Porque a hora que eu ando de carro, ela fica seguindo. - A criança respondeu.
Surpresa diante a resposta e curiosa para saber mais, perguntei:
-Você acha isso legal ou chato?
-Eu não aguento mais ela seguindo eu! - Disse
-Será que ela também me segue? - Indaguei outra vez
Outra criança que estava atenta na conversa resolveu responder*

⁴ O cinturão literário foi um dos contextos criados para o estágio, o qual tinha como objetivo propiciar um diálogo com as crianças sobre a lua e suas fases. O nome cinturão remete ao vocabulário espacial e por ter formato circular remete a forma em que as crianças foram convidadas para ficarem sentadas na referência.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância e da Juventude

16 a 19 de agosto

- Ela fica seguindo todo mundo!
- E por que será que ela fica seguindo? Questionei os pequenos
- Porque fica andando ao redor...
- Ao redor de onde? Redor da Ter...- Falei para eles
- Ra. - Completou uma das crianças.

Esse diálogo aconteceu enquanto no “cinturão” falava-se sobre as fases da lua, como ela girava em torno da terra "mudando de visual" a cada volta. O nosso papel foi de orientar os (as) pequenos (a) para concretizar os seus conhecimentos sobre algo que já era presente no dia a dia de cada um, ampliando assim suas experiências. Colocamos duas luas de papelão no cenário, uma cheia e a outra minguante, além do pisca a pisca para representar as estrelas.

No começo as crianças associaram a forma arredondada do papelão com o sol. No final do dia alguns da conseguiram perceber que se tratava da lua, e não apenas isso! Tratava-se da lua na fase cheia e associavam com a lua presente no varal de fotos das fases desse satélite. As luas de papelão e o pisca a pisca para representar as estrelas foram usados no decorrer de toda a semana do estágio.

Cada um, no seu tempo, assimilou os novos conhecimentos. Claro que um ou outro pequeno ainda dizia que era o sol, o que é compreensível, uma vez que uma semana não é o suficiente para que novos conhecimentos sejam concretizados, demanda tempo, paciência e repetição.

4 ÚLTIMAS PALAVRAS

“Repetir repetir - até ficar diferente.”

(Manoel de Barros)

As experiências do 5º período no “mundo da Lua” possibilitou às crianças adentrarem em um pequeno pedaço do espaço sideral, num grande espaço de experiências estéticas que englobaram variadas linguagens e narrativas a partir do seu próprio olhar.

Dada a complexidade e amplitude do processo educativo (LIMA; PIMENTA, 2012, p. 137), uma semana se mostrou um curto período para que as crianças compreendessem não só os conhecimentos acerca do imaginário lunar como também para que fosse plenamente explorada a participação enquanto grupo nas propostas envolvendo vivências que nos possibilitam as culturas do escrito na Educação Infantil.



É importante haver uma continuidade das propostas, retomar quantas vezes forem necessários os contextos, quem sabe dispor o cenário de outro modo para que a repetição não fique monótona e continue chamando a atenção das crianças. Repetir é um processo importante para o desenvolvimento da criança, pois nem todos aprendem no mesmo ritmo, mas todos conseguem aprender na medida que há um retorno frequente ao que se ensina. Nesse retorno, deve-se ouvir as crianças para identificar o que desejam saber e, assim, expandir relações da lua ao sol, do sol ao sistema solar e até onde mais se mostre necessário. Tudo com a participação dos(as) pequenos(as).

Portanto, mostra-se fundamental que o plano de ação feito pelos estagiários não fique apenas na semana do estágio, mas que a(s) professora(s) possa dar seguimento às propostas à medida em que se mostre pertinente no cotidiano. Para tanto, é essencial que haja também um maior diálogo entre a professora supervisora e os estagiários, bem como a extensão da escuta sensível para todos que integram a escola. Afinal, todos que trabalham na escola atuam direta ou indiretamente no processo de desenvolvimento das crianças com vistas a uma educação libertadora.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro : Alfabeta, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Madalena. **Educador**: Educa a Dor. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação – Aprendizagem do olhar. In: FREIRE, Madalena (Org.). **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 1-4. Disponível em:



http://www.oocities.org/br/brucewaynes/09_observacaoregistroreflexao.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Partir da Infância**: diálogos sobre a educação. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência** – Teoria e Prática: Diferentes Concepções. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

QVORTRUP, Jens. (2014). **Visibilidades das crianças e da infância**. Linhas Críticas, 20(41), 23–42. <https://doi.org/10.26512/lc.v20i41.4250>

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.